

Conhecimentos elementares para a autorrevisão de textos acadêmicos e o aperfeiçoamento da escrita

Karla Raphaella Costa Pereira¹

Resumo: Este artigo objetiva apresentar uma discussão sobre os elementos de revisão de textos que podem contribuir pedagogicamente para que autores de textos acadêmicos façam autorrevisão de seus textos. A exposição é entremeada por exemplos retirados do *Curso de escrita acadêmica: aperfeiçoando seu estilo*, realizado pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) e pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), em 2022. A hipótese desenvolvida foi a de que os conhecimentos sobre revisão de textos podem colaborar com a autorrevisão dos produtores de texto. Tal hipótese se confirmou na medida em que os alunos do curso realizado demonstraram desconhecer algumas especificidades da produção de textos desse domínio discursivo, bem como indicaram um aprendizado útil aprendido no curso. A pesquisa realizada foi de natureza bibliográfica, buscando colaborar com um problema real percebido no contexto da prática docente universitária. Como possibilidade de intervenção, os resultados apontam dois caminhos: por um lado, as mudanças individuais nas disciplinas curriculares da graduação ao inserir alguns dos conteúdos do trabalho do revisor de textos em suas ementas para que os alunos se tornem mais competentes no trato com os próprios textos; por outro lado, mudanças estruturais profundas para melhoria da qualidade da educação nacional em relação as competências de produção e leitura de textos acadêmicos.

Palavras-chave: Revisão de textos; autorrevisão de textos; domínio discursivo acadêmico; textos acadêmicos.

Elementary knowledge for self-reviewing academic texts and improving writing skills

Abstract: This paper presents a discussion about the elements of text review that can contribute for authors of academic texts to self-review. The exhibition is interspersed with examples taken from the *Academic Writing Course: perfecting your style*, by the Federal Rural University of the Semi-Árido (UFERSA) and the State University of Ceará (UECE), in 2022. The hypothesis developed was that the knowledge about text review can collaborate with the self-review of producers. This hypothesis is confirmed because the course's students demonstrated a useful learning experience in the course. The research carried out was of a bibliographical nature, seeking to collaborate with a real problem perceived in the context of university teaching practice. As a possibility of intervention, the results point to two paths: on the one hand, the individual changes in the undergraduate curriculum subjects; on the other hand, deep structural changes to improve the quality of national education in relation to the skills of producing and reading academic texts.

Keywords: Text review; self-review of texts; academic discursive domain; academics texts.

Conocimientos básicos para la autorrevisión de textos académicos y mejora de la escritura

Resumen: Este artículo presenta una discusión sobre los elementos de la revisión de textos que pueden contribuir a la autoevaluación de los autores de textos académicos. La exposición se intercala con ejemplos tomados del *Curso de Escritura Académica: perfeccionando tu estilo*, de la Universidad Federal Rural del Semiárido (UFERSA) y la Universidad Estadual de Ceará (UECE), en 2022. La hipótesis desarrollada fue que el conocimiento sobre revisión de textos puede colaborar con la autoevaluación de los productores. Esta hipótesis se confirma porque los estudiantes del curso demostraron una experiencia de aprendizaje útil en el curso. La investigación realizada fue de carácter bibliográfico, buscando colaborar con un problema real percibido en el contexto de la práctica docente universitaria. Como posibilidad de intervención, los resultados apuntan hacia dos caminos: por un lado, los cambios individuales en las materias del plan de estudios de graduación; por otro lado, cambios estructurales profundos para mejorar la calidad de la educación nacional en relación con las habilidades de producción y lectura de textos académicos.

Palabras-clave: Revisión de textos; auto revisión de textos; textos académicos.

¹ Doutora em educação, Universidade Federal Rural do Semi-árido, Grupo de Pesquisa Práxis e Formação Docente - UFERSA, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8357-4557>, e-mail: karla.costa@ufersa.edu.br.

1 INTRODUÇÃO

Muitos estudantes iniciam sua formação universitária com pouco ou nenhum conhecimento em relação ao domínio acadêmico. Alguns, infelizmente, não vivenciaram práticas de escrita consistentes sequer em outros domínios, por isso ministrei, em 2022, o *Curso de escrita acadêmica: aperfeiçoando seu estilo*, atividade de extensão realizada por meio de uma parceria entre a Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) e a Universidade Estadual do Ceará (UECE).

O curso tinha como objetivo desenvolver metaconhecimento sobre o domínio acadêmico, proporcionando maior segurança para a escrita dos alunos. Meu objetivo era apresentar aos cursistas alguns conhecimentos desenvolvidos na revisão de textos que pudessem ser aplicados na produção pessoal. O curso teve 223 inscritos de diversas instituições, 91 pessoas participaram dos encontros e 54 concluíram com, pelo menos, 75% de participação.

O presente artigo expõe reflexões que venho fazendo sobre a autorrevisão de textos e os conhecimentos que considero importantes para que os alunos possam aperfeiçoar sua escrita. Como essas discussões são feitas majoritariamente em cursos de Letras e/ou de revisão de textos, os alunos acabam não tendo acesso a uma perspectiva mais ampla de construção da escrita. O conhecimento sobre revisão textual, então, torna-se oportuno na melhoria da relação dos autores acadêmicos com seus textos.

Minha hipótese é a de que o conhecimento sobre revisão de textos acadêmicos, geralmente restrito aos profissionais da área, é pedagógico para a escrita dos textos desse domínio por pessoas que não serão revisores, mas que produzem esses textos. Parto das minhas experiências como professora universitária para afirmar que, nos cursos de formação inicial, as disciplinas de metodologia científica e de leitura e produção de textos acadêmicos tendem a apresentar conteúdos para leigos em linguística, além de nem sempre serem ministrados por linguístas ou estudiosos de texto; desse modo, os estudantes ficam limitados a aspectos técnico-metodológicos dos gêneros acadêmicos, que não colaboram para o desenvolvimento de uma prática de escrita menos sofrida.

Exporei aqui a linha de raciocínio que executei no curso e, quando pertinente, apresentarei dados coletados durante sua execução. Inicialmente, discorro sobre alguns elementos introdutórios e reflexivos em relação à escrita de textos acadêmicos; em seguida, trato dos elementos de textualização e como eles se expressam em textos do domínio acadêmico, destacando como conhecê-los pode enriquecer o trabalho do autor; por último, destaco aspectos relevantes para a construção de um estilo próprio, possível em textos do domínio acadêmico. O modo de exposição que escolhi me fará transitar entre o discurso expositivo e a descrição do curso, o que espero que não prejudique o entendimento do conteúdo deste texto.

2 CONHECENDO O DOMÍNIO ACADÊMICO

De acordo com Faraco e Vieira (2019), a esfera ou domínio discursivo diz respeito aos lugares sociais em que determinado gênero de texto nasce e circula. Os textos apresentam as características necessárias a uma comunicação eficiente de acordo com a esfera em que circulam, pois podem aparecer em variados domínios, mas conforme o que se exige dele para bem comunicar.

No interior do domínio acadêmico, é preciso transitar entre as diferentes necessidades de produção de textos. Geralmente, os alunos lidam com dois objetivos diferentes: o de divulgação científica e o de estudo pessoal para sua formação acadêmica. Artigos, resumos, resenhas, teses, dissertações, monografias, comunicação oral, pôster, relato de experiência etc. são exemplos de gêneros textuais do domínio acadêmico que se voltam para a divulgação científica. Fichamentos, mapas mentais, aula, defesa, relatório de estágio, *flashcards* etc. são exemplos de textos que se voltam para o estudo e/ou a formação pessoal do aluno. Há ainda aqueles que podem servir aos dois propósitos, como o resumo e a resenha.

Projeto e relatório de pesquisa, ementa e programa de disciplinas, plano de aula e parecer, por exemplo, são gêneros textuais do domínio acadêmico, mas que possuem outros propósitos, como conseguir financiamento de pesquisa ou vaga em programas de pós-

graduação, relatar os resultados conseguidos numa pesquisa, organizar disciplina ou curso a ser ministrado etc. São muitos os gêneros textuais que circulam no espaço universitário, mas os alunos enfrentam dificuldades em identificar as características a serem desenvolvidas em cada um a depender do contexto específico em que serão produzidos, como abordei na introdução deste artigo.

A expectativa dos alunos sobre um curso de escrita acadêmica é sempre a de que eles terão aulas de gramática normativa, pois esse tipo de gramática é o mais [algumas vezes o único] conhecido pelos alunos, mas saber escrever não necessariamente envolve saber gramática normativa, pelo menos não do ponto de vista de decorar os termos, as funções, as regras e as exceções que regem a norma. Outras questões precedem a norma gramatical, ao contrário do que os estudantes pensam.

Inicialmente, é preciso situar o texto que será produzido em um determinado contexto. Quando tratamos dos textos acadêmicos, a primeira impressão que temos é a de que eles possuem uma forma fixa, imutável que, independentemente de qualquer contexto, exige uma escrita única e extremamente formal. É comum encontrar alunos que temem executar um texto marcado pela primeira pessoa do discurso por acreditarem que a única forma possível é a terceira pessoa, marca de uma neutralidade científica impessoal.

O primeiro obstáculo é superar a *ilusão de neutralidade na ciência* e fazer com que os alunos entendam que a subjetividade, por mais que não possa dominar o fazer científico, vai estar presente nos textos, mesmo aqueles escritos em terceira pessoa, pois quem produz ciência é um sujeito, um ser humano potencialmente interessado na atividade que exerce. Não se trata, então, de neutralidade ou de impessoalidade, mas de objetividade científica.

[...] conhecimento científico objetivo é aquele que:

1. Concorda com seu objeto, isto é, alcança a exatidão da realidade, segundo o nível dos meios de observação, investigação ou experimentação de sua época.
2. Verifica a adaptação de idéias (hipóteses) aos fatos, recorrendo para isso à observação e à experimentação – atividades controláveis e, pelo menos até certo ponto, reproduzíveis (Galliano, 1979, p. 25).

Ainda segundo o autor citado acima, a finalidade da ciência é desvendar a realidade. Se o autor de um texto explica a realidade como ela é, respeitando suas características, não

há problemas em escrever em primeira pessoa. A objetividade não é garantida pela ausência de sujeito, mas pelo respeito do sujeito à realidade investigada. Apesar de encontrarmos autores de referência escrevendo em primeira pessoa, os alunos sempre pensam não poder fazer o mesmo e temem a rejeição de seus textos.

Outro aspecto importante a ser destacado é o do *leitor presumido* (Faraco; Vieira, 2019), que, no domínio acadêmico, parece ser ainda mais abstrato. Os textos acabam sendo escritos para um mesmo perfil de leitor, ignorando os contextos em que são produzidos. Um exemplo é o gênero artigo, que é da prática cotidiana de escrita dos alunos, mas, na medida em que avançam na experiência acadêmica, os alunos vão escrevendo o mesmo gênero, numa mesma área de pesquisa, mas para públicos diferentes. Um artigo escrito para um evento de iniciação científica não possui as mesmas características que um artigo escrito para um evento de pesquisadores da área. A linguagem do texto acadêmico vai variar a depender do leitor a quem se dirige que, muitas vezes, está determinado pelo contexto. O leitor de um texto acadêmico é concreto.

Entendido isso, é possível afirmar que, para escrever um texto acadêmico, o autor também precisa pensar no leitor presumido, antecipando o nível de conhecimento desse leitor em relação ao conteúdo do texto, a linguagem mais adequada para que a comunicação ocorra da maneira mais eficiente possível. Dar concretude ao leitor presumido no texto acadêmico ajuda na determinação das melhores escolhas textuais a serem feitas. O leitor dos textos científicos não é sempre o mesmo; é necessário superar essa abstração que, no meu entender, dificulta bastante a vida dos alunos por estes sempre temerem uma rejeição desse leitor abstrato, sempre imaginado como o maior especialista da área em que se escreve.

Outra característica fundamental a se pensar na escrita acadêmica trata-se da relação com a divulgação científica e com as práticas formativas dos cursos de graduação e pós-graduação. Os cursos de graduação, em suas diversas áreas, tanto podem formar os profissionais que vão atuar diretamente nas atividades fins a que ministram formação quanto podem formar pesquisadores dessas áreas. No que diz respeito à formação de pesquisadores, escrever bem é uma habilidade indispensável.

A escrita na formação do pesquisador nem sempre é tranquila, principalmente no presente contexto em que publicar é mais do que uma tarefa da área, é uma exigência da qual dependem os programas de pós-graduação no país, peso que, muitas vezes, recai sobre os alunos. Produtivismo acadêmico é um fenômeno bastante discutido, nos dias de hoje no Brasil, e trata da busca desenfreada por publicações científicas em revistas com altos índices de qualificação. De acordo com Sguissardi (2010, p. 1), o produtivismo acadêmico é um

Fenômeno em geral derivado dos processos oficiais ou não de regulação e controle, supostamente de avaliação, que se caracteriza pela excessiva valorização da quantidade da produção científico-acadêmica, tendendo a desconsiderar a sua qualidade.

O produtivismo acadêmico tem feito com que os estudantes, principalmente de pós-graduação, publiquem textos com pesquisas em andamento ou ainda pesquisas em estágio inicial. Muitas vezes, nem há resultados parciais a serem expostos. Esse fenômeno atinge a escrita de textos acadêmicos, pois incide exatamente em seu conteúdo. Um dos elementos fundamentais da escrita de um texto é o planejamento; no caso do texto acadêmico, o planejamento trata de pensar a forma como você quer expor o conteúdo da sua pesquisa. Se não há dados consistentes, parciais ou finais, torna-se muito difícil planejar uma estrutura textual que dê coerência à exposição do conteúdo.

Antes de planejar o texto, então, é preciso possuir um conteúdo científico a ser exposto; de outra maneira, o que se faz é inventar resultados que não existem. Considero motivo de muita angústia para alunos de pós-graduação *stricto sensu* a necessidade de escrever seus textos enquanto ainda realizam a pesquisa, pois não possuem uma visão global do todo a ser exposto.

Questões que podem nortear uma autorrevisão global do conteúdo do texto e que foram apontadas são as seguintes: qual o contexto de circulação do meu texto, quais conteúdos são centrais, quais conteúdos são secundários, qual meu interesse pessoal com esse texto?

A primeira questão sobre a circulação do texto permite determinar o leitor presumido do texto, portanto determina também a linguagem mais adequada, os conhecimentos

provavelmente compartilhados entre autor e leitores, além das determinações da forma, do gênero do texto e de suas peculiaridades. A pergunta sobre o conteúdo do texto, central e secundários, determina as possibilidades de organização e sequenciamento do conteúdo, pois indica como as informações serão distribuídas no texto. A consciência do autor quanto a seu objetivo pessoal com o texto pode refinar as características da escrita, pois ele tratará diferentemente, por exemplo, um projeto de pesquisa para conquistar financiamento público e um outro com o qual visa concorrer a uma vaga de mestrado. Há nuances que só o objetivo pessoal pode traçar.

Dito tudo isso, a expressão *texto acadêmico*, no singular, colabora bastante com uma visão homogeneizadora da escrita dos gêneros desse domínio, além disso tal visão tem um peso subjetivo devastador no desenvolvimento da escrita dos estudantes de graduação e pós-graduação que temem não serem capazes de escrever bons textos acadêmicos por não corresponderem a uma expectativa muito alta de um leitor abstrato de exigências inalcançáveis.

Falar da possibilidade de os próprios alunos poderem revisar seus textos, como uma primeira etapa da revisão, faz com que eles se sintam capazes de compreender melhor os meandros do texto; assim o revisor deixa de ser também uma figura iluminada que vai garantir o reconhecimento que o autor tanto deseja. É preciso desmistificar a escrita dos gêneros do domínio acadêmico.

3 TEXTUALIZAÇÃO DE GÊNEROS ACADÊMICOS

Definir o que é revisão textual não é uma tarefa fácil. Partirei da posição de Heurley (2010) de que não há uma posição unívoca, mas existe a necessidade de determinação, para aqueles que trabalham com o conceito, de uma definição como ponto de partida para os estudos na área. Deste modo, compreendo que o objetivo da revisão é melhorar o texto (Heurley, 2010), exigindo um conjunto de ações orientadas por objetivos. Segundo o autor, nesse modelo,

[...] a revisão não é mais, pois, considerada um subprocesso de base do processo de redação de textos, mas muito mais um macroprocesso composto, e uma atividade de controle da produção escrita que mobiliza processos redacionais de base, assim como recursos cognitivos e atencionais na memória de trabalho (Heurley, 2010, p. 135).

Esse modelo, na minha compreensão, trabalha com a revisão como um processo também relacional, no qual são mobilizados processos variados e direcionados pela tarefa de melhorar o texto, utilizando-se de recursos cognitivos presentes na subjetividade do escritor. Deste modo, a revisão é uma atividade a ser realizada também pelo produtor e que este realiza quando implicado na qualidade do texto. O menor ou maior domínio dos elementos constitutivos de um texto reverbera na atividade de o produzir, portanto a necessidade de conhecer esses elementos é fundamental, conforme desenvolvo adiante.

De acordo com Costa Val (2004), nenhum texto contém em si seu sentido, pois ele faz sentido na relação em que se encontra levando em consideração seus interlocutores. Isso também se aplica aos textos acadêmicos. Apesar de serem textos que devem refletir certa objetividade, não estão isentos das relações que constroem o texto. Dessa maneira, quando se fala em textos acadêmicos também se aplicam os elementos de textualização, ou seja, “[...] o conjunto de características que fazem com que um texto seja um texto, e não apenas uma sequência de frases ou palavras” (Costa Val, 2004, p. 114).

A autora supracitada parte da concepção de textualização, na qual não assume a textualidade como algo que se encontra pronto em um texto, mas como parte do saber linguístico das pessoas que se faz numa relação, portanto, uma ação de construção relacional de sentido. Partindo disso, a autora desdobra os elementos que relaciono com os textos acadêmicos para que o próprio autor seja capaz de revisar seu texto com maior segurança. São eles: a coerência, a coesão, a intencionalidade, a aceitabilidade, a situacionalidade, a informatividade e a intertextualidade. Quero discutir esses elementos indicando como compreendo sua influência na escrita dos textos acadêmicos e como ter consciência deles ajuda na autorrevisão textual.

A *coesão* e a *coerência* são os nomes mais conhecidos por aqueles que não trabalham com os textos. A primeira trata de refletir sobre a construção dos sentidos em relação à forma como os elementos do texto estão encadeados, como eles se relacionam para construir o

sequenciamento de ideias no interior do texto. A coerência, por seu turno, diz respeito à produção de sentido do texto, podendo ser intratextual ou extratextual: a primeira refere-se à compatibilidade dos enunciados no interior do texto, já a segunda trata da adequação entre o texto e a realidade exterior a ele.

A *situacionalidade* trata dos fatores de relevância do texto em determinado contexto. As indicações que fiz na primeira parte deste artigo estão intimamente relacionadas à situacionalidade, pois dizem respeito à adequação do texto à situação em que ele circula. A *informatividade* diz respeito ao conjunto de informações que um texto apresenta e como elas estão distribuídas. *Intencionalidade* e *aceitabilidade* são dois elementos interligados, pois tratam da intenção do produtor do texto e do modo como o receptor reage ao texto. Quando discuti sobre a necessidade de o autor pensar um leitor para seu texto, apresentei pontos que se vinculam a esses elementos. A *intertextualidade* estabelece as relações entre os textos já produzidos.

Gastei bastante tempo, no primeiro tópico, pois a percepção da situacionalidade do texto acadêmico é fundamental para a escolha das características que o comporão. Pode ser determinante quanto aos objetivos a serem conseguidos, mediante a apresentação de um texto acadêmico, saber compô-lo de forma adequada. Uma inadequação linguística ou de conteúdo pode transmitir uma imagem equivocada do produtor do texto; assim, tentar identificar os elementos do contexto ajuda na tomada de decisões a serem feitas. A situacionalidade, então, diz respeito a isso.

Quanto às informações a serem apresentadas, os textos acadêmicos, geralmente, já as possuem bem definidas, no que tange a uma determinação geral. O resumo simples, por exemplo, que normalmente antecipa outro gênero, apresenta os elementos indicadores do resultado de uma pesquisa, quais sejam: objetivo, metodologia, procedimentos de coleta e análise de dados, resultados, esses indispensáveis; outros secundários, como uma contextualização e a relevância do trabalho. O autor pode verificar em que ordem vai apresentar essas informações, conforme seus interesses em relação ao texto. No momento de revisar, o autor pode conferir se indicou todas as informações necessárias para que o resumo cumpra sua função.

Há gêneros do domínio acadêmico que permitem maior liberdade na escolha das informações, seja no modo ou na ordem que se quer apresentar, outros já determinam previamente quais as informações e como elas devem ser apresentadas. Isso não significa que o autor não possa imprimir um estilo ao texto, pois sempre há margem de autonomia na escrita.

Como dito anteriormente, entre *intencionalidade* e *aceitabilidade* há uma relação dialética que, no meu entender, ganha um contorno bastante interessante no domínio acadêmico, pois tem relação com os paradigmas, as linhas de pensamento e as ideologias a que se vinculam produtores e receptores de textos. No caso do produtor, há uma intenção persuasiva em comprovar para a comunidade científica a validade da sua interpretação dos dados. A aceitabilidade, entretanto, vai depender não apenas da objetividade da análise dos dados, mas de uma adesão do receptor ao ponto de partida do produtor. Vejamos o exemplo que segue utilizado no curso que ministrei.

Este artigo procura, a partir de uma análise multidisciplinar, problematizar os **sentidos da descolonização** a partir do estudo da produção de conhecimento em Moçambique, **à luz das epistemologias do Sul**, conceito avançado por Boaventura de Sousa Santos. O texto problematiza a dimensão epistêmica do colonialismo moderno, mostrando como a imagem predominante do continente africano, parte do Sul global, é ainda reflexo de representações forçadas no centro de um saber de matriz eurocêntrica, que reforçam a permanência das perspectivas do Norte sobre o Sul. Como o artigo discute, descolonizar o conhecimento passa por uma revisão crítica de conceitos centrais, como o são o espaço e o tempo, hegemonicamente definidos pela **racionalidade moderna** – estrutura de saber que legitima a expansão do projeto civilizacional moderno ocidental no mundo. No campo ontológico, a descolonização passa pela renegociação das definições do ser e dos seus sentidos, aliando a democratização à descolonização. Este desafio epistêmico contesta o privilégio epistêmico do Norte global, abrindo o mundo a outros saberes, narrativas e lutas, contadas a múltiplas vezes (Menezes, 2016, p. 26, grifos meus).

O texto do resumo acima foi apresentado conforme publicado. Quero destacar que a intencionalidade da autora do texto em argumentar contra as epistemologias do norte, defendendo uma teoria descolonizadora, vai se confrontar com a perspectiva de seus receptores. Para que haja uma concordância com a argumentação da autora do artigo é

necessária uma adesão aos pressupostos da autora. Claro que não é preciso concordar plenamente, mas, no mínimo, autora e leitores deverão concordar em alguns pontos.

Essa particularidade dos textos acadêmicos pode se desenvolver de diversas formas. Duas são bastante interessantes: mesmo discordando, é possível que a intenção do autor encontre brechas na aceitação do receptor e os dois consigam travar um diálogo que faça avançar o conhecimento da área, pendendo para um lado ou para o outro; outro ponto diz respeito ao confronto das interpretações da realidade com a própria realidade, indicando que o que determina se um discurso científico é verdadeiro ou não é a correspondência dele com o real. Diferentemente dos textos ficcionais, os científicos lidam com ciência, ou seja, com fatos e interpretações. O autor precisa ter domínio dessas situações ao avaliar o próprio texto.

A *intertextualidade* nos textos do domínio acadêmico precisa ser tratada com bastante delicadeza. Abordarei as citações diretas e indiretas do texto acadêmico como um primeiro nível de intertextualidade, aquele que se apresenta mais na superfície do texto, pois é mais visível e precisa ser indicado, entretanto, compreendo que há outros níveis de intertextualidade menos perceptíveis, já que as novas produções científicas são fruto do acúmulo da ciência em determinada área.

As citações diretas são utilizadas quando se cita diretamente, com as mesmas palavras, o texto do intertexto, ou seja, do texto com o qual se faz intertextualidade; já as citações indiretas são indicadas quando se parafraseia o texto do intertexto. Ambas as formas de citação precisam indicar, imediatamente, a referência resumida e, nas *Referências*, desdobrar de maneira completa. O texto científico se conecta a outros textos tanto pelas citações que apresenta quanto pelas aproximações teórico-metodológicas que constituem a vinculação do autor. Nenhum texto acadêmico se encontra isolado.

Vejamos os exemplos abaixo.

A colonização, enquanto projeto político e ideológico, penetrou insidiosamente nas mentes colonizadas, cujos saberes e criatividade permanecem ainda subordinados a lógicas externas: mentes obrigadas a adaptar e a copiar lógicas e formas de pensar exógenas (Meneses, 2016, P. 26).

Nesse primeiro exemplo, não há citações diretas ou indiretas, mas é perceptível que a autora se vincula aos teóricos da descolonização, assim, é possível identificar a fundamentação teórico-metodológica da autora, bem como o conjunto de autores e autoras em que ela se apoia para produzir seu texto. Observemos ainda o próximo exemplo.

Neste artigo nos ocupamos de caracterizar, dentre os saberes docentes que orientam e condicionam a prática educativa, a relação entre os saberes curriculares e experienciais. Procuramos também perceber de que forma os saberes curriculares interferem, interagem ou são ressignificados com os saberes e condutas da experiência docente ao longo da sua atuação profissional cotidiana através da prática (Bezerra, 2017, p. 104).

Nesse outro exemplo, pessoas da área da Pedagogia facilmente conseguiriam identificar que o autor trabalha com autores como Maurice Tardif e Claude Lessard, pois o texto trata dos saberes docentes como constitutivos do processo de formação dos professores. Na ciência, a intertextualidade também expõe os vínculos teóricos dos pesquisadores. Os textos carregam o acúmulo de conhecimentos produzidos pela humanidade.

Elementos de textualização, como visto, também se destacam nos textos acadêmicos que, mesmo sendo do domínio da ciência, não possuem sentido em si mesmos, mas são interpretados conforme a situação relacional em que circulam. A expressão *texto acadêmico* pode inspirar uma interpretação de um modelo pronto cujas regras e formas já estão pré-determinadas e são imutáveis, mas, ao contrário, os gêneros textuais acadêmicos estão tão inseridos nas relações sociais como quaisquer outros. É preciso conhecer as particularidades de seu domínio para melhor escrever e avaliar os textos, circulando entre eles da forma mais competente possível.

4 (IM)POSSIBILIDADE DE UM ESTILO PRÓPRIO NA ACADEMIA

Ainda na primeira parte deste trabalho, falei sobre algumas construções que meus alunos de graduação sempre demonstraram em relação à escrita de textos acadêmicos, considerando que são textos difíceis, portanto, eles se julgam incapazes de produzir um bom

texto acadêmico. Sempre acham que precisam saber mais gramática. Alguns acreditam que só podem escrever na terceira pessoa e que isso é garantia de neutralidade, por exemplo.

Essa visão está bastante atrelada ao contexto em que esses textos são produzidos. Acreditou-se, durante muito tempo, que uma neutralidade científica era possível e mais: que seria garantia de objetividade. Hoje, já compreendemos a objetividade científica de maneira menos engessada. Essa visão de ciência é herança do positivismo. Se por um lado, superar o cientificismo positivista foi [desculpem o trocadilho] positivo, não podemos aderir ao discurso da pós-verdade, no qual a realidade é construída por meio do discurso, mas essa é outra questão.

Cabe dizer que os alunos se sentem impedidos de desenvolverem uma escrita própria na qual suas características e escolhas mais pessoais possam aparecer, pois acreditam que existe um modelo a ser seguido que não deixa espaço para a criação de um estilo próprio.

Quando se fala em estilo acadêmico trata-se de características comuns e esperadas nesse tipo de texto. Em textos desse domínio, acredita-se que não é possível construir um estilo pessoal. Espera-se, então, maior formalidade e maior proximidade com a norma padrão da língua. Há casos de preciosismos exagerados, justamente por excesso de cuidado nessas características dos textos acadêmicos.

Compreendo, no entanto, que é possível escrever de modo mais livre, em um estilo mais pessoal e, em casos bem específicos, com menos formalidade. Novamente, o contexto de produção e recepção vai indicar a margem de atuação desses aspectos. Em casos de seleção, por exemplo, não vale a pena arriscar uma linguagem mais informal, pois não se sabe a aceitação das bancas examinadoras, mas eventos de iniciação científica, revistas conhecidas por ousar na linguagem e outros contextos possíveis podem permitir experimentações; e são estas que fazem avançar uma linguagem menos rígida no espaço acadêmico.

Indico apenas três elementos constitutivos de um estilo próprio de escrever textos acadêmicos, pois os considero os mais polêmicos: a escolha da pessoa do discurso, a escolha dos tempos verbais e a escolha da organização das frases. A escolha da pessoa do discurso já foi tratada anteriormente, mas vale destacar que há um conhecimento generalizadamente

aceito de que, mesmo assumindo uma única pessoa, o autor não pode fazer trocas para usar outra pessoa discursiva em seu texto.

Essa visão se aplica também aos tempos verbais. Os alunos são levados a acreditar que devem manter os verbos ou no passado ou no presente, não compreendendo que podem marcar momentos diferentes com tempos verbais diferentes.

No caso da organização das frases, há textos em que os alunos invertem a ordem dos termos por considerarem estar escrevendo de modo mais formal. A ordem direta, sujeito e predicado, parece demasiadamente simples para a escrita acadêmica. Essa visão, muitas vezes, atrapalha a escrita dos textos, fazendo com que os alunos se percam, deixem verbos sem sujeito ou sem complementos indispensáveis. Outro elemento da estruturação das sentenças tem a ver com o tamanho dos períodos, que, se escritos demasiadamente extensos, podem prejudicar o entendimento do texto.

Esses são casos de preferência de escrita que indicam uma certa determinação do estilo de cada um escrever na medida em que se utilizam dos mesmos recursos nos diversos textos que escrevem. A recorrência vai criando uma confiança no modo de escrever e isso é interessante para os casos em que os alunos desenvolvem certo metachecimento textual, pois não fazem escolhas aleatórias e inconscientes, mas sabem quais os caminhos textuais que estão trilhando. Para que a autocrítica possa ocorrer, no entanto, é indispensável que os estudantes recebam retorno de seus textos por meio da avaliação dos professores.

Ao final do curso, algumas reflexões foram ressignificadas já com a experiência adquirida pelos alunos no encontro, mas sei que não é possível fomentar substantivas mudanças, pois é preciso alterações mais profundas na educação brasileira para que nossos estudantes sejam cada vez mais proficientes na leitura e na escrita de textos, ainda mais em um contexto tão exigente quanto o domínio acadêmico.

Resumo da seguinte forma as considerações finais do curso e as reflexões expostas aqui, indicando que essa temática é bastante importante para minha atuação profissional, mas que ainda há muito o que avançar de modo a oferecer aos alunos oportunidades de formação mais profunda para o entendimento do texto.

- É preciso planejar o texto acadêmico. Uma estrutura de tópicos ajuda tanto na definição das unidades temáticas do texto e suas conexões, quanto na determinação das subunidades dos parágrafos. O planejamento ajuda a garantir que tudo o que se quer informar será informado e em qual sequência as informações aparecerão no texto.
- Na primeira vez que se escreve um texto, o autor deve manter a preocupação com o cumprimento do planejamento, ou seja, a exposição do conteúdo. Não se deve revisar o texto enquanto se escreve, pois as ideias a serem desenvolvidas podem ser perdidas.
- A autorrevisão deve buscar constatar se as ideias estão expressas conforme o planejamento do texto, se constam todas as informações que se quer expor, se as ideias estão expressas de modo organizado, claro e coerente, se não há trechos confusos. Esse trabalho é muito interessante de ser feito antes do envio do artigo para o revisor profissional, pois este não perderá tempo tentando entender trechos confusos.
- Sobre a revisão global, algumas perguntas norteadoras poderão ajudar. Cada parágrafo tem uma ideia principal, a ideia principal é desdobrada de modo eficaz e coerente? Os pressupostos fundamentais dos raciocínios estão explícitos? Conteúdos que podem ser desconhecidos do leitor estão explicados no interior do texto ou em notas? Os elementos de coesão sequencial estão em conformidade com as ideias desenvolvidas?
- Um segundo aspecto que pode ser autorrevisado diz respeito à forma. O texto está legível, ou seja, o revisor profissional consegue identificar as partes do texto? Há palavras ou expressões supérfluas que podem ser eliminadas? Há parágrafos ou trechos demasiadamente repetitivos que podem ser eliminados? Assimetrias exageradas estão evidentes e são passíveis de conserto?
- Uma leitura final do texto pode ser feita, caso haja tempo, com certo afastamento do momento da escrita para que o autor não seja cegado pela proximidade temporal entre a escrita e autorrevisão.

- Quando do retorno do revisor profissional, verificar as alterações que foram feitas para constatar se houve mudança de sentido, mas também para aprender com os desvios da norma padrão revisados pelo profissional.
- Por fim, entender que a revisão profissional não é infalível, pois ninguém o é. Quando o autor tem maior conhecimento do próprio texto, a escrita fica mais consistente e é mais fácil aprender com os erros, pois estes são identificados.

A maioria dos alunos inscritos no curso indicou que o interesse em o fazer devia-se à vontade de aperfeiçoar a escrita, alguns destacam o desejo de aprender as regras da escrita. Vejamos abaixo.

Tenho interesse no curso de escrita acadêmica por acreditar que com a prática eu posso não somente aperfeiçoar o que já sei, como também descobrir novas técnicas e regras que vão, progressivamente, me ajudar a ter um melhor e maior domínio da escrita no âmbito acadêmico! (Cursista 1, 2022).

Observe-se que o aluno busca “descobrir novas técnicas e novas regras”, atribuindo esse conhecimento ao desenvolvimento de um domínio da escrita acadêmica, o que denota a visão tecnicista que esse tipo de escrita parece ter aos olhos dos estudantes. Há um inscrito que afirma o seguinte, expressando a mesma visão quanto ao aprendizado de regras: “Compreender o processo, normas e aperfeiçoamento do que já conheço” (Cursista 2, 2022). E ainda aparece uma visão de serem desconhecedores da Língua Portuguesa: “Melhorar a escrita científica, no que tange desde o português, até as regras das seções do artigo/paper” (Cursista 3, 2022).

Outro inscrito apresenta a questão da segurança como uma necessidade de aprendizagem: “Aprender como melhorar minha escrita de textos acadêmicos. Sentir mais segurança em produzir trabalhos” (Cursista 4, 2022). Minha hipótese de que a formação recebida nas disciplinas dos cursos iniciais não seria suficiente e/ou efetiva para a necessidade de aprender a escrever textos do domínio acadêmico apareceu na seguinte fala: “Por viver rodeada de disciplinas que me exigem trabalhos com uma boa escrita acadêmica. Ademais, por interesse próprio” (Cursista 4, 2022).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo objetivou expor reflexões que venho fazendo sobre como os conteúdos estudados na revisão de textos acadêmicos podem ser úteis para a formação dos escritores desse tipo de texto e, assim, funcionar como elementos de autorrevisão.

A autorrevisão é uma prática fundamental da produção de textos, mas é bastante negligenciada pelos alunos, assim como o planejamento de texto. Há ainda uma visão bastante recorrente de que se escreve de uma vez só: senta-se em frente à folha em branco e se produz o texto. Quando a escrita não flui, justifica-se pela ausência de conteúdo: o autor não sabe de nada, por isso não escreve.

Essas são ideias, na minha visão e pela minha experiência profissional nos cursos de graduação formando pesquisadores, bastante perniciosas, pois afastam os alunos da atividade de escrita, que a torna difícil, maçante e sofrida.

O conhecimento científico sobre o texto, ao contrário, faz-nos perceber que escrever geralmente é trabalho, mas sempre é esforço, por isso o sentar e escrever exige saberes que, muitas vezes, não são ministrados nas disciplinas voltadas ao ensino de metodologia científica ou de leitura e produção de textos acadêmicos que se baseiam em informações técnico-metodológicas.

Saber o que é um texto, como ele se constrói, quais os elementos relevantes e decisivos para a escolha das partes que o compõem, quais as possibilidades de escrita, de impressão de uma marca mais pessoal, como dar credibilidade ao texto, como verificar se as informações necessárias estão postas no texto, como elaborar a sequência de informações que se deseja desenvolver no texto.

Todos esses são conhecimentos que a ciência do texto traz e que o revisor de texto estuda e que podem ser importantes para que o autor de textos acadêmicos seja capaz de verificar no seu próprio texto. Esses são, na minha leitura, elementos mais globais que podem auxiliar o revisor do texto, afinal não estou advogando que a autorrevisão substitua a revisão, mas, como etapa própria da escrita, possa ser realizada de maneira muito mais consistente.

O aprendizado da escrita acadêmica precisa avançar no sentido de se tornar mais eficaz para os usos concretos dos textos acadêmicos nos mais variados contextos da produção científica, mas também superando as dificuldades e as compreensões equivocadas sobre as dificuldades de aprendizagem dessa prática, pois estas afastam os alunos da possibilidade de uma vivência mais rica e prazerosa com a divulgação de suas ideias e pesquisas no mundo acadêmico, no qual haja a possibilidade de trocas efetivas de conhecimento.

É evidente que as mudanças a serem executadas ultrapassam a esfera da produção de texto e precisam ser mais amplas, já que não devem se limitar às experiências pessoais e pontuais, mas a mudanças na estrutura social que legitima práticas opressivas e excludentes na Universidade. Os textos são complexas manifestações ideológicas que vão além da subjetividade dos escritores e dos leitores; e alcançam a objetividade social em suas múltiplas relações.

Eu acredito que mudar um pouco, nos espaços em que pudermos atuar, é fundamental para expor as relações alienantes a que todos estamos submetidos e para construir uma prática mais humana, mais cientificamente fundamentada e libertadora.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Ricardo José Lima. A prática educativa a partir dos seus saberes: Refletindo sobre os saberes curriculares e saberes experienciais docentes a partir de Tardif, seus colaboradores e seus comentadores. *Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica*, Recife, v.3, n.1, p. 103-120, 2017.

COSTA VAL, Maria da Graça. Texto, textualidade e textualização. In: CECCANTINI, João L. T.; PEREIRA, Rony Farto (org.) *Pedagogia cidadã: cadernos de formação: Língua Portuguesa*. São Paulo: UNESP-Pró-Reitoria de Graduação, 2004, p. 113-128.

HEURLEY, Laurent. A revisão de texto: abordagem da psicologia cognitiva. *Scripta*, Belo Horizonte, v.14, n. 26, p. 121-138, 2010.

MENESES, M. P. Os sentidos da descolonização: uma análise a partir de Moçambique. *OPIS*, Goiânia, v.16, n.1, p. 26-44, jan./jun. 2016.

SGUISSARDI, Valdemar. Produtivismo acadêmico. In: OLIVEIRA, Dalila Andrade; DUARTE, Adriana Maria Cancelli; VIEIRA, Livia Maria Fraga (org.). *Dicionário de trabalho, profissão e condição docente*. Belo Horizonte: Faculdade de Educação UFMG, 2010.

VIEIRA, Francisco Eduardo; FARACO, Carlos Alberto. *Escrever na Universidade: Fundamentos*. São Paulo: Parábola, 2019.

Recebido em: 12/5/2024.

Aceito em: 30/5/2024.

Publicado online em: 22/6/2024.

